

## **EDUCAÇÃO SONORA E CONSCIENTIZAÇÃO: RELATO DE UMA ATIVIDADE DE ENSINO E PESQUISA COM JOVENS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA “MUNDO NOVO” EM BUÍQUE/PE**

Josué Mendes da Silva (1); Joel Vieira de Araújo Filho (2); Danilo Santos do Vale (3); Francisco Nairon Monteiro Júnior (4)

(1) *Universidade Federal Rural de Pernambuco*, jo21duda@yahoo.com.br; (2) *Universidade Federal Rural de Pernambuco*, joelvieirafilho30@hotmail.com; (3) *Universidade Federal Rural de Pernambuco*, duvaledanilo@hotmail.com; (4) *Universidade Federal Rural de Pernambuco*, naironjr67@gmail.com.

No presente artigo, apresentamos os processos e resultados de uma atividade de ensino e pesquisa, realizada com jovens da comunidade Quilombola “Mundo Novo”, em Buíque/PE, na qual buscamos analisar os processos de conscientização em torno das paisagens sonoras que podem ser alcançados com atividades envolvendo educação, ciência, cultura em torno da educação sonora. Para tanto, realizamos uma pesquisa-ação composta de duas oficinas lúdicas e participativas. Numa, realizamos um conjunto de exercícios relativos ao desenvolvimento da escuta pensante. Na outra, os jovens puderam vivenciar a capoeira angola, num processo reflexivo e transformador, partindo dos problemas reais da comunidade. A análise das experiências apontou para a viabilidade de tais atividades interdisciplinares na formação de consciências em torno da preservação e melhoria dos seus ambientes acústicos, resistindo às culturas sonoras invasoras.

**Palavras-Chave:** Educação Sonora; Capoeira Angola; Ciência e Cultura.

### **Introdução**

Com o advento da modernidade, o ambiente ecológico onde o homem se estabelece pode sofrer transformações. Com efeito, esta situação tem proporcionado preocupação sobre a qual se debruçam todos os que estão envolvidos com a educação Sonora e, em especial Murray Schafer, que nos oportunizou, por meio da semiologia da ecologia sonora, nova perspectiva e outros campos de visão. Este viés estabelece um dos ‘nortes’ de nossa pesquisa, qual seja observar as mudanças nos sons fundamentais das comunidades, e se essas mudanças afetam o bem estar social dos moradores. Ao mesmo tempo em que nos debruçamos no estudos das paisagens sonoras, buscamos educar as pessoas para perceberem estas nuances, sensibilizá-las para perceberem nos sinais sonoros, a dinâmica dos ambientes, consistindo, portanto, na formação de cidadãos capazes de perceberem e atuarem na melhoria de seus ambientes acústicos, a estarem atentos às invasões, modificações que podem tornar as paisagens lo-fi. Embuídos destes propósitos, realizamos uma atividade de ensino e pesquisa junto à comunidade quilombola “Mundo Novo”, situada no município de Buíque/PE, onde buscamos identificar as potencialidade de atividades de educação sonora como formadoras de consciência à respeito dos estudos de paisagens sonoras.

### **Metodologia**

As atividades desenvolvidas seguiram os moldes da pesquisa-ação, nas quais utilizamos como instrumentos de coleta de dados entrevistas, filmagens, fotografias, bem como registro das

conversas e debates que tomaram lugar durante as oficinas. Dentre os diversos fatores encontrados na investigação, centramos a atenção na análise daqueles relacionados à ecologia sonora, ou seja, à correlação entre os indivíduos e os ambientes acústicos, além de suas relações com as dimensões sociológicas, artístico-musical e pedagógicas. Estes fatores foram analisados em conjunto com os participantes, oportunizando um (re) olhar, um (re) ouvir o ambiente quilombola, surgindo daí novas reflexões acerca de uma eco-pedagogia no vale do Catimbau.

## **Resultados e discussão**

### **Analisando a dinâmica da paisagem sonora rural de Buíque/PE**

Um ambiente hi-fi (high fidelity) é aquele que possui uma razão sinal/ruído favorável. Nela, os sons separados podem ser claramente ouvidos em razão do baixo nível de ruído ambiental. É possível perceber que o campo é mais hi-fi que a cidade, a noite mais que o dia, os tempos antigos mais que os modernos. A paisagem sonora hi-fi permite ao ouvinte uma escuta mais atenta, o ambiente silencioso proporciona uma percepção sonora mais longe. Já em uma paisagem sonora lo-fi (low fidelity), os sinais acústicos individuais são obscurecidos em uma população de sons superdensa. Para que os sons mais comuns possam ser ouvidos eles têm de ser intensamente amplificados. No intuito de investigar tais características, desenvolvemos um conjunto de exercícios de sensibilização da audição, retirados do livro Educação Sonora (SCHAFER, 2009) e adaptados à realidade local. Paralelamente apresentamos alguns níveis de ruído, medidos com um decibelímetro e que foram objeto de análise. Tais dados estão postos a seguir:

- i. A 50 m do hotel da cidade de Buíque, às 13:27h: 32 dB
- ii. Em torno de 200 m da escola na zona rural de Buíque, às 14:49h: 16 dB
- iii. Dentro da casa de uma moradora, próxima à escola, com todos em silêncio, às 15:02h: 8 dB
- iv. A 300 m da comunidade quilombola, às 15:42h: 5 dB
- v. No centro da comunidade quilombola, sem pessoas por perto, às 16:13h: 7 dB
- vi. A 50 m do hotel da cidade, às 19:45h: 21 dB

O debate em torno da interpretação dos dados tornou visível aos participantes não só o baixo nível de ruído de suas paisagens sonoras, mas também o ensejo de preservação. Neste cenário, conceitos científico-matemáticos, como dos estudos de paisagens sonoras foram postos em cena, possibilitando a diferenciação entre ambientes lo-fi e hi-fi, vistos sob diferentes enfoques.

### **Vivenciando a Capoeira Angola**

Nesta atividade, vivenciamos as práticas da Capoeira Angola, de forma a garantir um processo ético e sério, onde as assimilações dos princípios filosóficos dessa complexa manifestação afro-brasileira foram viabilizadas de maneira que os participantes puderam experimentar os elementos basilares das culturas africanas e afro-brasileira, tais como a oralidade, a musicalidade, a convivência, a ancestralidade, a corporeidade, o movimento etc. Assim, como Araújo, entendemos que sua dimensão educativa busca:

(...) promover o seu entendimento para além de um jogo corporal, mas sim como um jogo político em que estão colocados aspectos da resistência cultural e da memória destes povos negros, embora já atuante para além das fronteiras nacionais. Investindo sobretudo no campo da educação, tomamos a Capoeira Angola da escola pastiniana enquanto um sistema cultural complexo, aberto a alteridade e promotor de ações educativas voltadas à formação e fortalecimento da identidade comunitária, formadora também da autorepresentação. (ARAÚJO, 2004, p. 164)



E ao buscar construir um fazer pedagógico em território quilombola, prezamos pelas orientações de Boff (2015), ao destacar a importância de estar participando das relações, e de partir dos problemas reais da comunidade. Nesse caminho, também refletimos sobre a necessidade de respeitar os processos e as histórias que representam essas comunidades, e sobre as dificuldades de construir diálogos que tenham como metas a conscientização e a busca por melhorias na comunidade. Assim, encontramos nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, documento elaborado pelo Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, um viés educativo que amplia nossas perspectivas, ao afirmar que:

Inaugurar caminhos para se pensar um fazer pedagógico em comunidades quilombolas passa pelo momento da reflexão e da ação, não dicotomizados, formadores da unidade que se chama práxis. Práxis, no sentido conferido por Freire (1987), é uma teoria do fazer e, nesse momento, precisamos exatamente isto: ousar fazer um caminho, na forma de diretriz, sem querer, de forma alguma, que este seja o caminho absoluto. (BRASIL, 2006, p. 142)

## Conclusões

Com estudos sobre sua musicalidade, história e movimentação, pudemos enxergar a Capoeira Angola enquanto um caminho transdisciplinar com potenciais transformadores. Por intermédio de exercícios e vivências com o grupo de jovens da comunidade quilombola, a oralidade, comunidade, ludicidade e corporeidade tornaram-se elementos que, associados às ideias de Schafer (2009) sobre a clariaudiência, impulsionaram os participantes a ampliarem suas percepções sobre os fenômenos sonoros e suas implicações na comunidade, além de compreenderem melhor as experiências dos povos africanos e afro-brasileiros. Com os exercícios de sensibilização da audição, observamos, além do interesse em participar e compreender melhor a ‘música’ dos ambientes que os cercam, percebemos nos jovens um olhar mais atento às características sonoras dos sons que foram trabalhados, bem como um interesse em compreender melhor os ambientes hi-fi que compõem as paisagens sonoras da comunidade ‘Mundo Novo’.

## Referências

- ARAÚJO, R. C. **Iê, viva meu mestre** - A Capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como práxis educativa. São Paulo: [s.n.], 2004. 236 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2004.
- BOFF, C. **Como trabalhar com o povo**. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/biblioteca/pastoral/BoffClodovComoTrabalharPovo.pdf>> Acesso em: 13 fev. 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada. **Alfabetização e Diversidade**. Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais. Brasília: SECAD, 2006.
- SCHAFER, R. M. **A afinção do mundo** - uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Tradução: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora da UNESP, 2001. ISBN 85-7139-353-2.
- \_\_\_\_\_. **Educação Sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons**. Tradução: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. ISBN 978-85-06-05989-0.

